Lobos Além da Fronteira
por Robert E. Howard / L. Sprague DeCamp

Tradução de Fernando Neeser de Aragão.

Introdução:

A insurreição se propaga com a velocidade de um furacão. Enquanto nas planícies da Aquilônia continua-se combatendo encarniçadamente, a guerra civil entre os partidários de Conan e os e Numedides se estende pela fronteira picta. Os pictos crêem que chegou sua oportunidade.

Aqui está o relato de alguns dos fatos que ocorreram nestas terras, durante um dos períodos mais turbulentos da Era Hiboriana, tal como foram contados por um dos sobreviventes da contenda.

L. Sprague DeCamp

LOBOS ALÉM DA FRONTEIRA

(Por Robert E. Howard / L. Sprague DeCamp)

O distante rufar de um tambor me despertou. Permaneci imóvel, entre os arbustos nos quais havia me escondido, tentando localizar o lugar de onde vinha. Na espessura do bosque, não se ouvia o menor ruído. Sobre mim, os ramos entrelaçados das parreiras e sarças formavam uma densa abóbada, por cima da qual apareciam, como fantasmas, os galhos das árvores. Nem uma só estrela cintilava no céu coberto por nuvens grandes e escuras, que passavam roçando as copas das árvores. Não havia lua. A noite era escura como o manto de um bruxo. A escuridão me favorecia. Sim, eu não podia ver meus inimigos e tampouco eles poderiam me encontrar. No entanto, o eco daquele tambor continuava ressoando na noite como uma sinistra ameaça. Só havia um tambor no mundo, capaz de produzir um som tão lúgubre e aterrador: o tambor de guerra picto, tocado pelas mãos daqueles selvagens pintados que caçam na espessura, do outro lado da Fronteira Ocidental.

E eu me encontrava ali só, escondido entre os matagais, no meio do imenso bosque dominado por aqueles demônios nus desde os começos dos tempos.

Por fim, localizei o som. Vinha de algum ponto situado a oeste do lugar onde eu estava, e calculei que a pouca distância. Ajustei o cinto, embainhei meu machado e meu punhal, estiquei meu forte arco e me assegurei que minha aljava estivesse em seu lugar, em meu quadril esquerdo, tateando com os dedos na escuridão. Depois saí me arrastando do matagal e avancei cautelosamente em direção ao ponto de onde vinha o som.

Era pouco provável que o rufar do tambor tivesse algo a ver comigo. Se houvessem me descoberto, eu não estaria ouvindo um tambor; teria sentido o fio do punhal na garganta. Nenhum intruso podia desconhecer o significado desse som: era uma advertência, uma ameaça, um presságio de horror para aqueles que ousassem profanar a solidão imemorial do bosque. Significava fogo, tortura, uma flecha atravessando a escuridão como uma faísca, e os machados de guerra tingindo-se com o sangue de homens, mulheres e crianças.

Avancei através da escuridão da mata, abrindo caminho entre troncos caídos e galhos soltos. De vez em quando, o coração me subia à garganta, ao sentir o frio toque da pele de algum réptil. Nessa floresta existem gigantescas serpentes que se penduram dos galhos

para capturarem suas presas. Mas os seres com quem eu temia me encontrar eram mais terríveis que a mais temível serpente, e quanto mais me aproximava deles, mais cauteloso era meu passo. Subitamente, brilhou um resplendor avermelhado entre as árvores, e pude ouvir um murmúrio bárbaro de vozes, que se confundiam com o rufar do tambor.

Fosse qual fosse a cerimônia que estivessem celebrando na escuridão do bosque, era mais do que provável que houvesse sentinelas vigiando o lugar. Eu conhecia bem o modo dos pictos atuarem. Permaneciam imóveis, escondidos na penumbra, e só quando sua vítima estava a seu alcance, surgiam das sombras com a agilidade de um felino para darem o golpe mortal. Me estremeci ante a idéia de ser surpreendido assim.

Puxei o punhal e, estendendo o braço em direção às ameaças invisíveis, continuei avançando com a esperança de que, em meio a tal escuridão, nem sequer a aguçada visão de um picto pudesse me descobrir.

O brilho era o de uma fogueira, diante da qual dançavam umas figuras, como se fossem demônios negros ante o fogo do inferno. Me aproximei mais ainda dos matagais e observei minuciosamente o que ocorria.

Eram uns quarenta ou cinqüenta pictos, com o rosto pintado e o corpo vestido apenas com uma tanga. Encontravam-se de costas pra mim, formando um grande semicírculo em torno da fogueira. Pelas plumas que usavam em suas longas e hirsutas cabeleiras, deduzi que pertenciam à tribo dos Falcões ou Onayaga. No centro da clareira havia uma espécie de altar, construído toscamente com pedras empilhadas. Ao avistá-lo, todas as fibras do meu ser se estremeceram. Eu tinha visto estes altares pictos em outras ocasiões, e sempre haviam estado cobertos de cinzas e de rastros de sangue. Nunca havia presenciado nenhuma de suas cerimônias, mas eu tinha ouvido o que contavam aqueles que tiveram a desgraça de cair prisioneiros dos pictos, ou aqueles que, como eu agora, os espionaram enquanto eles realizavam seus ritos.

Um xamã, enfeitado com longas plumas, dançava entre o fogo e o altar, uma dança lenta e grotesca, que fazia as plumas de sua cabeça se agitarem. Tinha o rosto oculto atrás de uma máscara demoníaca de cor escarlate.

No centro do semicírculo, havia um guerreiro com um enorme tambor entre os joelhos. Ao batê-lo com o punho, produzia um som apagado, semelhante ao do trovão numa tempestade distante.

Entre os guerreiros e o xamã, havia um homem que não era picto. Era mais alto que os demais e sua pele parecia muito mais clara sob os reflexos avermelhados da fogueira. Vestia uma tanga de pele de gamo, calçava mocassins e seu corpo estava tatuado com pinturas de guerra. Na cabeça, usava uma pena de falcão, o que me faz deduzir que devia se tratar de um ligur, um daqueles selvagens de tez pálida que moram na grande floresta. Geralmente, estão em guerra com os pictos, mas, às vezes, enterram o machado de guerra e aliam-se a eles. Têm a pele tão clara quanto os aquilonianos. De certo modo, os pictos também são uma raça branca: não são negros nem amarelos, embora tenham os olhos e cabelos da cor de azeviche, e a pele escura. Mas o povo da Fronteira Bossoniana não considera brancos nem eles nem os ligures. Só são considerados como tais os homens por cujas veias corre sangue hiboriano.

Vi como três guerreiros conduziam um homem em direção à fogueira. Era outro picto, nu e coberto de manchas de sangue, que ainda levava em sua emaranhada cabeleira uma pluma como as usadas pelos membros da Tribo do Corvo, com a qual os Falcões estão sempre em guerra. Seus guardiões colocaram-no sobre o altar, com os pés e mãos atados às costas. Seus músculos se esticavam ao tentar livrar-se de suas amarras, sem consegui-lo.

Então, o xamã recomeçou a dança, realizando estranhos movimentos em torno do altar. O que tocava o tambor começou a fazê-lo com ritmo frenético. Parecia que, de repente, um demônio havia se apoderado de seu corpo e de sua alma. De repente, de um dos galhos, se desprendeu uma daquelas gigantescas serpentes das quais eu havia falado antes. O fogo se refletiu em suas escamas, enquanto se arrastava em direção ao altar, passando bem perto dos pés de alguns guerreiros. Para minha surpresa, nenhum deles demonstrou a menor

inquietude, embora muito se saiba que essas serpentes são as únicas que pictos temem.

A cabeça do enorme réptil apareceu por trás do altar, erguida sobre o pescoço, e cravou seu olhar nos olhos do xamã, por cima do corpo do cativo. O xamã, sem deixar de olhar a serpente, fazia contorções com o corpo e os braços, quase sem mover os pés. Todos os seus movimentos eram imitados pelo réptil, como se estivesse sob um efeito hipnótico. Nesse momento, o xamã emitiu um uivo lúgubre, parecido com o que o vento produz nos juncos dos pântanos.

O enorme réptil se ergueu mais ainda e começou a enroscar-se sobre o corpo do infeliz, deixando livre apenas sua cabeça, perto da qual balançava a do terrível ofídio, anunciando a morte.

O uivo do xamã se transformou num alarido triunfal, ao mesmo tempo em que lançava algo no fogo. Uma grande nuvem de fumaça esverdeada se elevou sobre o altar, formando espirais, quase ocultando a serpente e sua vítima. Mas, em meio à nuvem, pude ver como se operava uma estranha mudança – os contornos se desfizeram e se fundiram, e por um momento não pude distinguir qual era o do homem qual o do réptil. Os pictos ali reunidos lançaram um suspiro.

A fumaça desapareceu, e vi que a serpente jazia imóvel sobre o altar. Pensei que ambos estivessem mortos. Mas o xamã pegou a serpente pelo pescoço e deixou-a no solo. Depois empurrou o corpo do homem, fazendo-o cair do altar junto ao monstro, e cortou-lhe as amarras que o imobilizavam.

Logo, iniciou uma dança ondulante, ao mesmo tempo em que entoava um estranho cântico. De repente, o homem se moveu, mas não se levantou. Movia a cabeça de um lado a outro e expunha a língua de forma intermitente. Por Mitra! Afastava-se do fogo rastejando sobre o ventre, como se fosse uma serpente.

Ao mesmo tempo, o corpo do enorme réptil começou a se convulsionar, o pescoço se ergueu quase completamente e caiu para trás. Voltou a tentá-lo novamente, como se fosse um corpo ao qual tivessem cortado as pernas e tentasse ficar em pé.

O uivo selvagem dos pictos rompeu o silêncio da noite, e eu, me sentindo tonto e com náuseas, me escondi entre os matagais, me esforçando para não vomitar. Por fim, eu havia compreendido o significado da terrível cerimônia. Por meio da ancestral magia negra que emanava da atmosfera da floresta, o xamã havia transferido a alma de um inimigo cativo ao corpo de uma serpente. Era a vingança dos selvagens pictos, cujos uivos ressoavam na noite como os lamentos de todos os infernos.

A serpente e o homem agonizavam, um ao lado do outro. Até que o xamã levantou sua espada e as duas cabeças rolaram juntas. E, por todos os deuses, o tronco da serpente se estremeceu alguns instantes e depois ficou imóvel, enquanto o do homem se retorcia e se enroscava como se fosse na verdade o corpo decapitado de um réptil! Uma sensação de horror e repulsa se apoderou de mim. Os selvagens uivavam e saltavam freneticamente, em sinal de triunfo, sobre o corpo do inimigo. Não pareciam seres humanos. Tive a clara sensação de estar ante a presença de espíritos malignos que só mereciam a morte.

O xamã pôs-se, de um salto, em frente ao semicírculo de guerreiros e, arrancando a máscara que lhe cobria o rosto, lançou a cabeça pra trás e uivou como um lobo. Nesse momento, no brilho avermelhado da fogueira o reconheci. Todo o horror e repulsa que me invadiam se transformaram em ira. Meu instinto de conservação e a consciência de que estava ali para cumprir uma missão foram anulados naquele instante, diante da intensidade do sentimento de ódio que senti ao reconhecer aquele maldito. O xamã era o velho Teyanoga, dos Falcões do sul, o mesmo que queimara vivo ao filho de meu amigo Jon Galter.

Tomado de ódio, agi, deixando-me levar por meus instintos; coloquei uma flecha em meu arco, estiquei-o e disparei. Foi um instante. A luz projetada pela fogueira não era muito intensa. Mas a distância do alvo não era muita, e nós, os guerreiros da Fronteira Ocidental, somos hábeis com o arco. O velho Teyanoga berrou como um gato e recuou cambaleando,

enquanto seus guerreiros descobriam, atônitos, que uma flecha lhe havia atravessado o peito. O guerreiro alto e de pele clara virou a cabeça na direção da qual partira a flecha e, pela primeira vez, pude ver no seu rosto. Por Mitra, era um hiboriano!

A surpresa foi tão grande que fiquei paralisado por uns segundos, que quase significaram minha ruína, porque, um instante depois, os pictos reagiram e se lançaram em direção ao bosque feito panteras, em busca daquele que matara seu feiticeiro. Quando alcançaram a primeira faixa de arbustos, consegui reagir e penetrei na escuridão, evitando árvores e rochas às cegas. Eu sabia que só os pictos não podiam encontrar meu rastro, mas mesmo assim não abandonariam minha perseguição. Pouco depois, em minha corrida para o norte, escutei atrás de mim um alarido de triunfo, tão terrível que seria suficiente para gelar o sangue de qualquer mortal. Achei que haviam tirado a flecha do coração do xamã e comprovado que se tratava de uma flecha hiboriana. Isso os faria me perseguirem com mais ódio que antes.

Continuei correndo. Meu coração batia furiosamente pelo medo, pela ansiedade e o horror do pesadelo que acabava de contemplar. Por outro lado, eu não conseguia entender a presença de um hiboriano na espantosa cerimônia. Evidentemente, estava lá como convidado, posto que ia armado. No entanto, nunca antes algum hiboriano havia assistido os secretos rituais pictos, a não ser como prisioneiro ou espia. A que motivos obscuros podia se atribuir a sua presença lá?

Meu temor e as dúvidas que me atormentavam me fizeram avançar com menos precaução que de costume. Sacrificava a necessária cautela em virtude de afastar-me dali o mais rapidamente possível, e tropecei num tronco que eu poderia ter evitado se caminhasse com maior cuidado. Sem dúvida alguma, foi isso o que me delatou. De outro modo, o picto não me descobriria na escuridão.

Embora já não escutasse os uivos dos pictos, eu estava certo de que continuavam rastreando o bosque como lobos, avançando estendidos em semicírculos, vasculhando a floresta palmo a palmo. Seu silêncio significava que haviam encontrado meu rastro.

O picto que havia me descoberto, alertado pelo ruído de minha corrida, provavelmente não fazia parte do grupo que assistira a cerimônia, porque estava adiantado demais em relação àqueles. Devia tratar-se de uma das sentinelas que rondavam a floresta, em seu flanco norte, para evitar que seus companheiros fossem atacados de surpresa. Certamente, ouviu como eu me aproximava dele e se preparou para o ataque, como um demônio das noites. Notei sua presença pelo som abafado de seus pés nus e, embora soubesse que me seguia, não pude ver sua silhueta na impenetrável negritude do bosque.

Os pictos enxergam como gatos na escuridão. E embora eu só fosse uma sombra difusa, sabia que, a qualquer momento, ele poderia me descobrir. De repente, o machado que eu brandia cegamente deteve, por milagre, o punhal do picto que se dispunha a lançar-se sobre mim. Seu grito de morte, ao ser apunhalado pela própria faca, rasgou o silêncio da floresta como o berro de um chacal. Como se fosse o eco de seu grito, a pouca distância de mim, escutei o clamor das vozes de meus perseguidores, que pareciam lobos pressentindo a morte de sua presa.

Abandonando definitivamente toda precaução, empreendi a fuga. Corri, a toda velocidade de que era capaz, apesar do risco de me estatelar contra alguma árvore.

De repente, o bosque começou a clarear. Os arbustos desapareceram e, através dos galhos, começou a se filtrar um pouco de luz.

Continuei minha louca corrida, como um condenado perseguido por todos os demônios, ouvindo atrás de mim os uivos de meus perseguidores, que iam se transformando em alaridos de raiva à medida que me afastava deles. Nenhum picto consegue competir com a velocidade de um corredor da floresta. Meu único perigo era de que houvesse mais sentinelas ou patrulhas diante de mim, que me percebessem e interrompessem minha passagem. Era um risco que eu tinha que eu tinha que correr. Mas tive sorte. Nenhuma sombra pintada deteve minha fuga e, pouco depois, através do mato que cercava a enseada, descobri um brilho. Soube que era a luz do forte de Kwanyara, o último posto fronteiriço ao

sul de Schohira.

Antes de continuar o relato daqueles anos sangrentos, talvez convenha contar algo sobre mim mesmo e explicar por que atravessei a fronteira picta, penetrando em seu território, à noite e só.

Sou o filho de Gault Hagar. Nasci na província de Conajohara. Dois anos antes desta história, os pictos cruzaram o Rio Negro, atacaram o forte Tuscelan, esfaquearam todos os homens, menos um, e obrigaram todos os habitantes da província a seguirem para o leste do Rio Trovão. Conajohara deixou de ser uma terra civilizada, para transformar-se em território de barbárie, habitado apenas por homens e feras selvagens. Os povos de Conajohara se dispersaram pela Fronteira Ocidental. Alguns se estabeleceram em Schohira, outros em Conawaga ou em Oriskonie, mas a maior parte – minha família entre eles – foi para o sul e se assentou perto da fortaleza de Thandara, próxima ao Rio do Cavalo. Mais tarde, se uniram a eles outros, provenientes das províncias mais antigas e mais densamente povoadas, e fundaram a província livre de Thandara que, ao contrário de outras, não estava submetida aos grandes senhores. O governador era eleito por nós mesmos, entre os homens de nosso povo, e só ele era responsável perante o rei. Construímos nossos próprios fortes e nos mantivemos independentes, tanto nos períodos de guerra quanto nas épocas de paz. Mas sempre tivemos um inimigo: as tribos pictas da Pantera, do Lagarto e da Lontra, nossos vizinhos selvagens do outro lado da fronteira.

Fomos prosperando sem nos preocuparmos com o que ocorria ao leste de nossas fronteiras, no reino do qual provinham nossos antepassados. Todavia, em pouco tempo, os fatos que estavam ocorrendo na Aquilônia nos atingiram de forma bem direta. Nos chegaram notícias de uma guerra civil e de um homem que se rebelara para derrubar a antiga dinastia. As chamas da rebelião atingiram nossas fronteiras, colocando vizinhos contra vizinhos e irmãos contra irmãos. Enquanto os cavaleiros lutavam e morriam nas planícies da Aquilônia, eu penetrava na fronteira que separa Thandara de Schohira, levando notícias que poderiam mudar o destino de toda a Fronteira Ocidental.

O forte de Kwanyara era pequeno. Consistia numa construção de madeira cercada por um muro, às margens de uma enseada. Vi a bandeira destacada contra o rosa pálido do céu da manhã, e descobri que faltava algo: o estandarte real, que teria de ondular junto a ela, com a serpente de ouro bordada em seu tecido, não estava ali. Isso podia significar muito ou nada. Nós, os povos da fronteira, não prestamos demasiada importância aos símbolos e aos protocolos, tão importantes para os cavaleiros de outros reinos.

Atravessei a Enseada do Punhal ao amanhecer e, ao chegar à outra margem, me encontrei com um guardião da fronteira, um homem alto, vestido com uma jaqueta de couro. Quando ele soube que eu vinha de Thandara, exclamou:

- Por Mitra, deve ser algo muito urgente o que lhe traz até aqui! Do contrário, você viria pelo caminho principal, sem necessidade de atravessar a terra selvagem.

Uma estreita faixa, conhecida com o nome de “Terra Selvagem”, separava Thandara das Fronteiras Bossonianas. Havia outro caminho que rodeava estas terras e que comunicava Thandara com as demais províncias, atravessando as fronteiras. Mas era um caminho longo. Longo demais.

Ele me pediu que eu lhe contasse o que estava acontecendo em Thandara, mas lhe respondi que não tinha notícias recentes, pois acabava de regressar de uma longa patrulha pelas terras dos Lontras. Era mentira, mas desconhecia o rumo dos acontecimentos políticos em Schohira e temia que minhas respostas pudessem me comprometer. Perguntei-lhe se o filho de Hakon Strom estava na fortaleza de Kwanyara. Ele me respondeu que não estava ali, mas na cidade de Schondara, situada umas poucas léguas a leste do forte.

- Espero que Thandara se incline a favor de Conan. – ele disse, proferindo uma maldição – Isso é o que nós desejamos. Se não fosse por minha maldita sorte, não estaria aqui, vigiando esta fronteira. Daria tudo o que tenho para estar com nosso exército, que aguarda em Thenitea, na enseada de Ogaha, o ataque de Brocas de Torth e seus malditos renegados.

Eu não conseguia acreditar. O barão de Torth era o senhor de Conawaga, e não de Schohira, que estava sob o mando de Thasperas de Kormon.

- Onde está Thasperas? – perguntei.

- Na Aquilônia, lutando ao lado de Conan. – respondeu o guardião, ao mesmo tempo em que me observava, receoso de que eu fosse um espião.

- Vi um dos seus misturado entre os pictos; usa pinturas de guerra, anda nu como eles e assiste suas cerimônias sangrentas. – deixei escapar, como que sem dar importância.

O rosto do schohirano se congestionou de ira.

- Maldito seja. – exclamou – Veio aqui para nos insultar?

Acusar um homem de traidor era o mais grave insulto de toda a Fronteira Ocidental, embora eu não tenha contado aquilo com a intenção de ofendê-lo, mas pra descobrir se ele sabia algo do hiboriano que vi no bosque. Compreendi que não era assim e, como não queria lhe dizer mais nada, tentei me justificar, alegando que ele não havia entendido bem o significado de minhas palavras.

- Entendi perfeitamente. – disse ele, furioso – Pela cor de sua pele e seu sotaque do sul, você bem poderia ser um maldito espião de Conawaga. Seja ou não, ninguém pode insultar um homem de Schohira, como você fez. Se eu não tivesse outras obrigações a cumprir, você conheceria o sabor dos punhos de um schohirano.

- Não quero lutar – eu disse –, mas se quiser me procurar, poderá me encontrar em Schondara. Sou o filho de Gault Hagar.

- Logo irei lá. – respondeu – Sou o filho de Otho Gorm e me conhecem em toda a região.

Enquanto eu me afastava, ele ficou acariciando o fio de sua faca, como se quisesse apaziguar o desejo que sentia de cravá-la em meu coração. Tentei me afastar o mais rápido possível do forte, para evitar outros encontros com sentinelas. Em épocas de paz, ninguém ousaria me deter ou me interrogar, mas nos tempos turbulentos que corriam, era perfeitamente possível que me tomassem por espião. Em verdade, na confusão daqueles dias, qualquer coisa era possível; como o senhor de Conawaga invadir os territórios vizinhos.

O bosque havia sido podado em torno do forte, e formava uma sólida parede de várias centenas de metros. Tentei não sair de seus limites, enquanto contornava a clareira. Não me encontrei com ninguém, nem mesmo quando tive que atravessar vários caminhos que partiam do forte. Me dirigi para o leste, evitando as clareiras e as casas no campo. E, quando o sol ainda não estava alto no firmamento, avistei os telhados de Schondara.

A cidade se erguia nas proximidades do bosque. Era grande o bastante para se tratar de uma vila fronteiriça. Suas casas eram feitas de troncos. Algumas haviam sido pintadas e, de vez em quando, se erigia alguns edifícios mais sólidos, construídos em pedra, dos quais não se vêem em Thandara. Não vi nada semelhante a um fosso ou paliçada em torno do povoado, coisa que me pareceu muito estranha. Em Thandara, construímos nossas casas de maneira que também nos protejam de possíveis ataques inimigos e, embora não haja ainda nenhuma cidade em nossa província – nossas terras estavam recém-colonizadas –, cada cabana e cada casa era uma pequena fortaleza.

À direita do povoado, no centro de uma pradaria, havia uma pequena fortificação, protegida por uma paliçada e um fosso, sobre a qual aparecia uma grande balestra, montada sobre uma elevada plataforma. Embora o conjunto fosse um pouco maior que o forte de Kwanyara, só uns poucos homens a protegiam. No mastro, só tremulava o estandarte do falcão de asas estendidas de Schohira. Perguntei-me por que, se a cidade estava a favor de Conan, não ondulava seu pavilhão: um leão dourado sobre fundo negro, o mesmo que adornava a bandeira do regimento que ele havia comandado como general mercenário da Aquilônia.

Em direção à esquerda, próxima ao bosque, havia uma casa grande de pedra, que se erguia em meio a jardins e hortas. Pertencia a Valério, o dono de terras mais rico de toda a zona ocidental de Schohira. Embora eu nunca o tivesse visto, sabia que ele era muito poderoso. Mas agora, a Fazenda – assim chamava-se sua propriedade – parecia abandonada e deserta.

A mesma sensação me causou a cidade. Mal havia homens, embora as ruas estivessem cheias de mulheres e crianças. Achei que os homens haviam agrupado suas famílias ali, para que ficassem melhor protegidas. Enquanto percorria uma de suas ruas, senti como se os olhares se cravassem em mim. Entretanto, ninguém me dirigiu a palavra, exceto para responder secamente às minhas perguntas.

Na taberna só havia uns poucos velhos, sentados ao redor das mesas, bebendo cerveja e conversando em voz baixa. Quando cruzei a soleira da porta, vestido com minha jaqueta de couro, todos pararam de falar, ao mesmo tempo em que dirigiram seus olhares em minha direção.

O silêncio se fez ainda mais expressivo, quando perguntei por Hakon Strom. O estalajadeiro me respondeu que ele cavalgara a Thenitea após o sol nascer, mas que estaria pronto. Posto que estava com sede e cansado, pedi que me servisse comida e, ignorando os olhares de todos, me deixei cair sobre uma pele de urso que o taberneiro colocou para mim num canto da taberna, e adormeci. Quando Hakon regressou ao entardecer, eu estava no melhor dos sonos.

Era um homem alto e musculoso, de ombros largos, como a maioria dos homens do Oeste, e vestia uma casaca de pele de gamo, polainas e mocassins como eu. Acompanhavam-no seis exploradores, que se sentaram a uma mesa próxima à porta e não deixaram de nos observar, enquanto bebiam cerveja.

Quando eu lhe disse meu nome e que tinha uma mensagem para ele, me observou detidamente e me fez sentar à uma mesa do canto, à qual o taberneiro trouxe uma cerveja espumante.

- O que sabe a respeito da situação de Thandara? – lhe perguntei.

- Só rumores.

- Trago-lhe uma mensagem de Brant Drago, o governador de Thandara, e de seu conselho de capitães. Por este sinal, saberá que pode confiar em mim.

Ao dizer isto, molhei o dedo na cerveja e desenhei um sinal sobre a mesa, o qual apaguei imediatamente. Ele concordou, e seus olhos brilharam com expectativa.

- Isto é o que tenho a lhe dizer. – acrescentei – Thandara se declarou a favor de Conan, e está disposta a ajudar seus amigos e enfrentar seus inimigos.

Ao ouvir isto, sorriu satisfeito e me apertou a mão.

- Bem! – exclamou – Não esperava menos.

- Quem poderia esquecer de Conan? – eu disse – Quando eu era apenas um garoto, em Conajohara, vi pela primeira vez a esse bárbaro, que era então sentinela nos bosques. Quando seu mensageiro chegou a Thandara e nos disse que Poitain havia se rebelado, e que Conan, que lutava pelo trono, solicitava nosso apoio (não pedia homens para seu exército, mas contar com nossa lealdade), lhe respondemos com uma só frase: “Não esquecemos de Conajohara”. Depois, Attelius atravessou os pântanos com intenção de nos atacar, mas lhe preparamos uma emboscada em Terra Selvagem e dispersamos seu exército. Não tememos, por enquanto, que Thandara seja atacada de novo.

- Gostaria de poder dizer o mesmo de Schohira. – exclamou com amargura – Thasperas nos fez saber que podíamos agir segundo nossa vontade. Ele havia se unido ao exército rebelde de Conan, mas não recrutou voluntários de nossas terras. Tanto ele quanto Conan sabem

que a Fronteira Ocidental necessita de todos os seus soldados para defender suas fronteiras.

“O que se fez foi tirar suas tropas dos fortes, e agora temos que defendê-los com nossas próprias guarnições. Houve algumas escaramuças, sobretudo em cidades como Coyaga, onde moram latifundiários, porque alguns deles apóiam Numedides. Destes, alguns fugiram para Conawaga, e outros se renderam e juraram permanecer neutros em seus castelos, como Valério, o senhor de Schondara. Os que fugiram prometeram voltar para acabar com todos nós. Agora mesmo, Brocas está atravessando a fronteira.

“Em Conawaga, os latifundiários e Brocas estão a favor de Numedides, e contam que este está executando todos os partidários de Conan que encontra no caminho”.

Não me surpreendia em nada o que eu escutava. Conawaga era a maior e mais rica província de toda a Fronteira Ocidental, e nela havia florescido uma poderosa classe influente, formada por nobres latifundiários, que haviam repartido seus domínios. Felizmente, em Thandara não ocorrera o mesmo.

- É uma invasão. – disse Hakon – Brocas quer que juremos lealdade a Numedides… cão maldito! O que ele quer, na verdade, é subjugar toda a Fronteira Ocidental, e governá-la como vice-rei de Numedides. Está em Coyaga, a dez léguas da Enseada de Ogaha, com um exército de soldados aquilonianos, arqueiros bossonianos fiéis a Conawaga e renegados de Schohira. Thenitea está cheia de refugiados das regiões orientais, pelas quais ele tem passado, semeando devastação.

“Não o tememos, apesar de sermos bem inferiores numericamente a ele. Para nos atacar, tem que atravessar a Enseada de Ogaha, e fortificamos a margem ocidental e bloqueamos o caminho, para impedir a passagem de sua cavalaria”.

- Isso tem a ver com a missão que me trouxe até aqui. – eu disse – Venho lhe oferecer os serviços de cento e cinqüenta exploradores thandarianos. Em Thandara não temos guerras internas, e embora continuemos enfrentando os pictos da tribo Pantera, também podemos nos arranjar sem esses homens.

- O comandante do forte de Kwanyara se alegrará em ouvi-lo.

- Mas, não é você o comandante? – perguntei.

- Não. – respondeu – É meu irmão, Dirk Strom.

- Se eu soubesse, teria dado a mensagem a ele. Brant Drago pensava que você fosse o comandante de Kwanyara. Mas não importa.

- Beberemos outra jarra de cerveja. – disse Hakon – Logo, lhe levarei ante meu irmão, para que ouça de sua boca as boas notícias que lhe traz. Não me agradaria estar em seu lugar. Eu prefiro estar à frente de uns poucos homens.

De fato, Hakon não era homem adequado para comandar uma guarnição numerosa. Embora fosse um homem valente, era imprudente e temerário demais para tanta responsabilidade.

- Vi que vocês têm muito poucos homens vigiando suas fronteiras. Não temem um ataque dos pictos? – lhe perguntei.

- Mantêm a paz que firmamos. – me respondeu – Salvo algumas escaramuças isoladas, desde há algum tempo estamos tranqüilos.

- A Fazenda de Valério me pareceu abandonada.

- Valério vive nela, mas só permaneceu com uns poucos criados. Não sabemos onde estão seus homens. Se ele não prometesse manter-se neutro, o vigiaríamos, porque é um dos poucos hiborianos a quem os pictos respeitam e obedecem. Se quisesse lançá-los sobre nossas fronteiras, nos custaria muito defendê-las, com Brocas de um lado e eles do outro.

“Os Falcões, os Gatos Selvagens e os Tartarugas se calam quando Valério fala. É o único que esteve na aldeia dos pictos Lobos e regressou com vida”.

Se o que eu estava ouvindo era certo, era realmente estranho. Era lendária a ferocidade da grande confederação de clãs conhecida como Tribo do Lobo, que vivia a oeste, além dos territórios de caça das três tribos pictas que ele havia mencionado. Geralmente se mantinham afastados da fronteira, mas nem por isso deixavam de constituir uma ameaça constante para Schohira.

Hakon observou um homem alto, que acabava de entrar na taberna, vestido com calças, botas e uma capa de cor escarlate.

- Aí está Valério. – disse Hakon.

Virei-me, olhei para ele e o reconheci de imediato.

- É ele! – exclamei – Vi esse homem à noite, do outro lado da fronteira, num acampamento de Falcões, assistindo à cerimônia da Serpente.

Valério ouviu minhas palavras e deu meia-volta, pálido. Seus olhos brilharam como os de uma pantera. Hakon também se levantou.

- O que está dizendo? – gritou – Valério deu sua palavra…

- E que importa? – o interrompi, enquanto dava um passo à frente até encarar o nobre – Eu o vi, enquanto me escondia entre os arbustos. Não tenho nenhuma dúvida. Sua cara de falcão é inconfundível. Digo-lhe que ele estava lá, nu e lambuzado de pintura, como um maldito picto.

- Está mentindo, cão! – gritou Valério, abrindo sua capa para sacar o punhal.

Mas antes que pudesse desembainhá-lo, lancei-me sobre ele, e rolamos juntos pelo chão. Ele agarrava a minha garganta com as mãos, enquanto blasfemava como um possesso. Vários homens correram pra nos separar. Ele, que não parava de resistir aos que o seguravam, tinha o rosto congestionado pela ira. Na luta, ele ficara com o lenço que eu levava em meu pescoço.

- Me soltem, cães! – exclamou – Tirem suas mãos sujas de mim. Este mentiroso pagará por sua calúnia.

- Eu não menti. – respondi com um tom de voz mais sossegado – À noite, eu estava escondido entre os arbustos, e vi como o velho Teyanoga transferia a alma de um chefe da tribo dos Corvos para o corpo de uma enorme serpente. Foi a minha flecha que abateu o xamã. Você estava lá. Você, um hiboriano, nu e pintado, assistiu a cerimônia como mais um da tribo.

- Se isso é verdade... – começou a dizer Hakon.

- É. Ai está a prova! – exclamei, apontando seu peito.

Na briga, sua camisa havia se rasgado e, no peito nu, podia-se ver a caveira branca que os pictos pintam quando declaram guerra aos hiborianos. Embora fosse evidente que Valério havia tentado apagá-la, ele não o havia conseguido.

- Desarmem-no! – ordenou Hakon.

- Vamos levá-lo ao forte. – eu disse –, e que fique sob a guarda do comandante. Sua presença na cerimônia da Serpente não pode significar nada de bom. Aqueles pictos usavam pinturas de guerra, e a caveira que Valério usa no peito significa que tinha a intenção de participar do ataque que os pictos preparam.

- Mas, por Mitra, tudo isto é inacreditável! – exclamou Hakon – Um hiboriano, traindo seus amigos e seu povo com aqueles diabos pintados!

O nobre permaneceu em silêncio. Estava de pé entre os homens que o seguravam. Em seus lábios crispados, havia uma careta de ódio e desprezo. Em seus olhos, que brilhavam febrilmente, me pareceu haver um vislumbre de loucura.

Hakon estava indeciso. Por um lado, tinha medo da reação do povo se aprisionasse o nobre e, por outro, não estava disposto a deixá-lo livre.

- Perguntarão por que o prendemos e, quando souberem que os pictos se dispõem a atacar-nos, o pânico pode se propagar rapidamente. Trancaremos-no em uma cela até que possamos trazer Dirk, para que o interrogue.

- A situação é delicada – eu disse –, mas você decide. É você quem manda aqui.

Tiramos o nobre pela porta de trás da taberna. Como já estava anoitecendo, chegamos até as celas sem que ninguém nos visse. Àquela hora, quase todo mundo havia ido pra casa. A prisão era um pequeno edifício, construído com troncos de madeira, e estava um pouco afastada da cidade. Das quatro celas que tinha, só uma estava ocupada, por um vagabundo que havia bebido demais e arrumado uma briga na rua. Quando chegamos, ele apareceu nas grades para ver o novo preso. Valério não disse uma só palavra, enquanto Hakon fechava a porta da cela e ordenava a um de seus homens que permanecesse junto a ela. Em seus olhos escuros havia um brilho demoníaco, como se, por trás da máscara pálida de seu rosto, estivesse rindo de nós.

- Vai deixar só um sentinela? – perguntei a Hakon.

- Pra que mais? – me respondeu – Valério não conseguirá escapar, e ninguém tentará resgatá-lo.

Me pareceu que Hakon não estava disposto a ceder e como, além de tudo, não era assunto meu, não falei mais nada.

Depois, Hakon e eu fomos ao forte e falamos com Dirk Strom, o comandante que mandava na cidade, na ausência de Jon Marko, que era o governador que designara Thasperas. Jon Marko estava, naquele momento, ao comando do exército que se encontrava em Thenitea.

Quando Dirk ouviu o que havia ocorrido, seu rosto se sombreou e ele disse que iria interrogar Valério tão logo suas obrigações o permitissem, embora estivesse certo de que o aristocrata se negaria a falar, porque pertencia a uma raça altiva demais para responder as perguntas de um plebeu. Alegrou-se quando soube que eu tinha ido oferecer reforços de Thandara, e me disse que podia mandar um mensageiro de volta para lá – para que comunicasse que nossa proposta fora aceita –, caso eu quisesse permanecer alguns dias em Schohira, coisa que fiz.

Depois Hakon e eu voltamos à taberna. Tínhamos a intenção de pernoitar lá e sair para Thenitea ao amanhecer. Os schohiranos tinham sentinelas vigiando os movimentos de Brocas, e Hakon, que havia estado em seu acampamento nesse mesmo dia, disse que não parecia haver sinais de movimentos nas filas inimigas, o que me fez pensar que estava esperando que Valério cruzasse a fronteira à frente dos pictos. Mas Hakon, apesar do que eu havia lhe contado, ainda duvidava da cumplicidade de Valério. Dizia-se que talvez sua presença no bosque acatava simplesmente a uma das visitas que costumava fazer aos pictos. Nenhum hiboriano, por mais amigo que fosse deles, podia assistir cerimônias como a da serpente. Para fazê-lo, tinha que haver firmado um pacto de sangue com o clã. Assim eu disse a Hakon.

Acordei subitamente e me sentei na cama. Havia deixado a janela aberta para que entrasse a brisa fresca da noite. O quarto estava a uma grande altura do solo, e não havia por perto nenhuma árvore na qual um ladrão pudesse trepar. Mas algo havia me sobressaltado e, ao olhar em direção à janela, destacou-se contra o negro céu estrelado a silhueta de uma criatura corpulenta e disforme. Perguntando-me o que poderia ser isso, eu procurava o

machado às cegas e, antes que eu pudesse me levantar, lançou-se com uma rapidez vertiginosa.

Senti que algo me envolvia o pescoço e tentava me estrangular. Bem perto de meu rosto, vislumbrei uma face indistinta e aterradora, da qual só pude perceber, na escuridão, um par de olhos injetados em sangue e uma cabeça pontiaguda. Senti o mau cheiro de uma besta.

Agarrei um dos pulsos da coisa, e me dei conta de que era peludo e musculoso como o de um símio. Naquele momento, encontrei meu machado e, de um só golpe, rachei o crânio daquela criatura pavorosa, que desabou sobre mim. Quando consegui me erguer, todo o meu corpo tremia. Encontrei pederneira, aço e pavio, e acendi uma vela. A monstruosa criatura jazia no chão em meio a uma poça de sangue.

Seu corpo se assemelhava ao de um homem corpulento, retorcido e disforme, e estava recoberto por uma grossa camada de pêlos. Suas unhas eram longas e negras como as garras de uma besta. E sua cabeça, sem queixo e com muito pouca testa, era bastante similar à de um símio. Tratava-se de um chacan, uma dessas criaturas semi-humanas que vivem nos bosques mais profundos.

Pouco depois, alguém bateu à minha porta, e ouvi a voz de Hakon, me perguntando o que acontecia. Ele entrou com o machado na mão, pronto para atacar. Seus olhos encheram-se de assombro ao ver a criatura repugnante que jazia ao chão.

- Um chacan! – sussurrou – Já os vi antes, seguindo à distância o rastro de nossas pisadas.

- Cães malditos! O que ele tem entre as garras?

Um calafrio de terror percorreu minha espinha dorsal ao descobrir que o que a criatura agarrava com suas mãos era meu lenço, com o qual ela tentara me estrangular.

- Ouvi dizer que os xamãs pictos capturam estes seres e os amestram para seguir o rastro de seus inimigos. – ele disse lentamente – Mas, como Valério conseguiu ordenar-lhe que nos seguisse?

- Não sei. – respondi – Alguém deu meu lenço à besta para que, guiando-se por seu olfato, me encontrasse e acabasse comigo. Vamos à prisão! Rápido!

Hakon acordou seus seis exploradores e corremos todos para lá. O sentinela jazia no chão com o pescoço cortado, diante da porta da cela de Valério, que estava aberta. Vi que Hakon estava petrificado, e então escutamos um fio de voz que saía do corpo aterrorizado do bêbado que ocupava a cela ao lado.

- Escapou. – disse – Valério escapou. Há uma hora eu estava deitado em meu catre, quando fui despertado por um ruído que vinha de fora. Abri os olhos e vi uma estranha mulher de pele escura que surgia das sombras e se aproximava do sentinela. Ele mandou-a parar e esticou o arco, mas ela riu, o olhou fixamente nos olhos e ele entrou imediatamente em transe. Ele ficou imóvel, olhando-a fixamente como um estúpido, e ela pegou a faca do sentinela e cortou-lhe o pescoço. Tirou-lhe as chaves e abriu a porta da cela de Valério, que, gargalhando, beijou a mulher. Ela não estava só. Havia algo perambulando na escuridão atrás dela. Um ser indistinto, que evitava a luz da lanterna da porta.

“Ouvi-a dizer a Valério que era melhor acabar comigo. Senti tanto medo que, por um momento, eu não sabia se estava vivo ou morto. Mas Valério lhe disse que eu estava bêbado demais e não valia a pena. Enquanto se afastavam, ele disse que ‘aquilo´ tinha que cumprir uma missão e que depois iriam à cabana da Enseada do Lince, onde se encontraria com seus partidários, que o aguardavam escondidos na floresta. Disse também que Teyanoga se uniria lá com eles, que cruzariam a fronteira juntos e que voltariam à frente dos pictos para acabar conosco”.

À luz tênue da lanterna, vi que Hakon empalidecia.

- Quem é essa mulher? – perguntei, curioso.

- Sua amante. Uma mulher na qual corre sangue picto. – respondeu Hakon – Metade Falcão e metade ligur. Chamam-na a Bruxa de Skandaga. Eu nunca a vi, e até agora nunca acreditei nas histórias que contavam sobre ela e Valério. Vejo que me equivoquei.

- Pensei ter matado o velho Teyanoga. – murmurei ente dentes. – O cão deve ter sete vidas. Vi minha flecha se cravar no seu peito. E agora, o que faremos?

- Temos que ir à Enseada do Lince e matar a todos. – disse Hakon – Se os pictos atravessarem a fronteira, pagaremos caro. Não podemos levar mais homens. Nós seremos suficientes. Não sei quantos são, mas não me importa. Atacaremos de surpresa.

Ele libertou o bêbado, para que fosse à fortaleza contar o que tinha visto e ouvido, e nós partimos imediatamente à luz das estrelas. Os campos estavam em silêncio e o débil clarão de alguma outra fazenda cintilava na escuridão. Para o oeste se estendia a mancha escura do bosque, uma mancha negra, silenciosa e ancestral, que erguia-se como uma ameaça para quem ousasse entrar nele.

Marchávamos em fila única, com os arcos preparados na mão esquerda e os machados na direita. Nossos mocassins não faziam o menor ruído sobre a grama úmida de orvalho. À medida que íamos adentrando o bosque, entre os carvalhos e as faias, nos separamos um pouco. Hakon ia na frente e os demais guardavam uma distância de uns três metros e meio. Chegamos a uma depressão coberta de capim e vimos uma luz que brilhava debilmente, filtrando-se pelas frestas das persianas de uma cabana.

Hakon deu ordem para que parássemos. Fez um gesto a seus homens para que esperassem lá, e nós dois nos aproximamos sigilosamente da cabana. O sentinela que vigiava, um renegado schohirano, não percebeu nossa presença. O seu hálito fedia a álcool. Nunca esquecerei o feroz sussurro de satisfação, que Hakon deixou escapar entre dentes enquanto enfiava o punhal no coração do traidor. Escondemos o corpo do infeliz no mato e trepamos pelo muro da cabana, para espiar seu interior por uma fresta.

Lá estava Valério, junto a uma mulher de pele escura e beleza selvagem, vestida com uma curta saia de pele de anta e mocassins cobertos de pedras preciosas. Sua espessa e brilhante cabeleira negra estava amarrada atrás por uma faixa de ouro, bordada com desenhos misteriosos. Na habitação havia, além disso, meia-dúzia de schohiranos renegados: vagabundos taciturnos, vestidos com calças de lã e coletes de granjeiros, com sabres de lâminas largas e curtas nos cinturões. Três corredores do bosque, de aspecto feroz, com roupa de pele de anta, e seis soldados da Gunderlândia, homens musculosos, cujas cabeleiras loiras se sobressaíam sob os capacetes de aço, com cotas-de-malha, caneleiras também de aço e armas afiadas. Eram homens de pele branca, olhos de aço e uma forma de falar bem diferente da dos povos da Fronteira Ocidental. Eram lutadores rudes, infatigáveis e bem disciplinados, bastante apreciados como guardiões entre os latifundiários da fronteira. Os ouvíamos falar e rir. Valério fanfarronava enquanto relatava sua fuga. Os taciturnos renegados maldiziam a seus antigos amigos. Os corredores do bosque permaneciam silenciosos e atentos. Os homens da Gunderlândia tinham um ar despreocupado e jovial, que não escondia sua natureza cruel e impiedosa. A jovem mestiça, a quem chamavam Kwarada, ria e brincava com Valério, que parecia passar muito bem. Hakon tremeu de fúria, ao escutar uma das bravatas de Valério:

- Escapar foi tão simples quanto quebrar um ovo. Enviei um visitante para que aquele maldito traidor thandariano recebesse o que merecia. Quando eu me colocar à frente dos pictos e os fizer cruzar a fronteira para acabar com os rebeldes do oeste, enquanto Brocas ataca de Goyaga, todos de sua ralé receberão o mesmo tratamento.

Depois, ouvimos o ruído surdo de passos e nos encostamos mais ainda à parede. A porta se abriu e entraram sete pictos pintados, adornados com plumas, à frente dos quais vinha o velho Teyanoga, que tinha o peito enfaixado. Percebi que minha flecha atingira o alvo, mas sem penetrar o suficiente em sua carne para matá-lo… Ou será que aquele velho demônio era na verdade um homem-lobo, a quem as armas dos mortais nunca conseguiriam matar?

Hakon e eu continuávamos escutado e observando o que ocorria no interior da cabana,

prendendo a respiração, grudados um ao outro. Ouvimos Teyanoga arranhando a língua Aquiloniana.

- Você querer que Falcões, Gatos Selvagens e Tartarugas cruzem a fronteira. Mas, se marchamos agora, Lobos saquear nossas terras enquanto lutamos em Schohira. Lobos muitos e muito fortes. Falcões, Gatos Selvagens e Tartarugas ter que apertar mãos de guerreiros Lobos.

- Bem, e quando você fará esse pacto com os Lobos? – perguntou Valério.

- Chefes das quatro tribos se encontrar esta noite, às margens do Pântano dos Fantasmas. Conversaremos com o Feiticeiro do Pântano. Todos faremos o que o Feiticeiro diga.

- Ainda não é meia-noite. – disse Valério – Se marcharmos rapidamente, chegaremos ao Pântano dos Fantasmas. Partiremos imediatamente para tentar convencer o Feiticeiro de que obrigue os Lobos a se unirem às outras tribos.

Hakon sussurrou em meu ouvido:

- Vá buscar os demais. Rápido! Diga-lhes para cercarem a cabana e colocarem fogo ao redor.

Estava decidido a atacar, embora fôssemos bem inferiores numericamente. Mas eu estava tão furioso e sedento de sangue quanto ele, depois de escutar a infame conjuração que estava sendo tramada. Me arrastei para o local onde os homens de Hakon me esperavam e regressamos todos à cabana. Diante de cada janela colocamos dois homens. Um com o arco esticado e o outro, com o machado pronto para destroçar os postigos das janelas. Um dos homens acendeu fogo para queimar a cabana. Enquanto me unia a Hakon na porta principal, ouvi Valério gritar de dentro:

- Depressa, guerreiros. Devemos caminhar imediatamente.

Escutamos o ruído dos homens ajustando suas armas e preparando-se pra partir. Hakon, cheio de fúria, não conseguia ficar quieto, enquanto o encarregado de acender o fogo friccionava a pederneira contra o aço, para que pegasse no pavio e nos galhos secos amontoados. Quando finalmente conseguiu, os demais homens aproximaram galhos grandes à fogueira, para que servissem de tochas.

Então Hakon correu para a porta principal, e golpeou com seu machado, que não era uma arma leve como a dos pictos, mas uma autêntica arma de guerra, como as que os cavaleiros usam para quebrar as armaduras de seus inimigos. Ao mesmo tempo, outros de nós destroçávamos os postigos e atirávamos flechas no interior da cabana, abatendo alguns. Outros dos nossos lançavam as tochas ao teto, para incendiá-lo. Mas o telhado era feito de camadas sobrepostas de casca de árvore, que haviam se umedecido com as últimas chuvas e que não queimavam com a rapidez que desejávamos. Os de dentro, tomados de grande confusão, não tentaram defender a cabana. Embora as velas houvessem se apagado ao caírem ao chão em nosso ataque-surpresa, o brilho fraco do fogo que principiava permitia que nossos homens continuassem disparando suas flechas em alvos visíveis. Valério e sua gente correram em direção à porta e se encontraram frente a frente com Hakon e alguns de seus homens, entre os quais estava eu. Conseguimos matar vários deles, mas, pouco depois, ficamos envolvidos numa luta corpo-a-corpo, tanto dentro quanto fora da cabana. Sem saber como, me vi abraçado a um robusto gunderlandês, protegido por uma cota-de-malha. Sem dúvida alguma, havia tirado o capacete ao entrar na cabana, e esquecera de colocá-lo na confusão dos primeiros momentos. Em sua mão direita, brandia um punhal curto e eu, na minha, um machado de guerra. Cada um agarrou o pulso de seu inimigo com a esquerda. Resistimos, suando e grunhindo como animais, tentando decepar o braço armado do outro com um golpe certeiro. Finalmente consegui passar-lhe uma rasteira e o fiz cair para trás, ao mesmo tempo em que eu me arremessava sobre ele. Na queda, consegui livrar-me do alicate de sua mão, mas ele teve tempo de pegar meu machado pelo cabo e me arrebatá-lo.

Sua primeira machadada, desviada pelo pé de outro combatente, roçou o meu ombro. Minha

mão livre encontrou, por acaso, uma pedra meio enterrada no rolo, do tamanho aproximado de uma maçã. Consegui arrancá-la da terra, e golpeei meu inimigo na testa com toda a força que pude, quase ao mesmo tempo em que ele ameaçava seu segundo golpe com meu machado. Ao sentir seus músculos se afrouxarem, peguei a pedra com ambas as mãos e esmaguei-lhe o crânio com ela. Ouvi o osso estalar e, após um horrorizante grito de agonia, ele ficou imóvel para sempre.

Consegui me erguer para continuar lutando, mas tudo havia terminado. Aqui e ali jaziam os corpos sem vida de amigos e inimigos. E os homens da Gunderlândia, renegados e pictos sobreviventes fugiam para a espessura do bosque. Um dos nossos ainda teve tempo de disparar uma flecha contra os fugitivos. Duvido que, com a luz escassa que havia, a flecha tenha acertado o alvo.

Nossos inimigos, que ainda eram o nosso dobro em número, podiam ter acabado conosco. Mas o fator surpresa e sua falta de organização os impediriam. Se Hakon fosse um estrategista mais experiente, teria preparado o ataque de outra forma. Deveria ter impedido que os homens de Valério escapassem pela porta, atacando-a por fora e colocando alguns homens diante dela, enquanto o fogo – e as flechas que os outros disparavam – terminavam o trabalho. Mas essa era a sua forma de enfrentar o inimigo. Sem parar pra pensar numa estratégia mais eficaz, que causasse uma perda menor de homens e que obtivesse resultados muito mais brilhantes.

Os sobreviventes se recuperaram da luta, ensangüentados e ofegantes. De repente, um deles gritou:

- A cabana! Valério está dentro!

Dei meia-volta e pude ver, destacando-se na soleira da porta, as figuras de Valério e de sua amante. Ao mesmo tempo em que pegávamos nossas armas, Kwarada soltou uma gargalhada arrepiante e lançou ao solo algo que ardeu com uma chama tão brilhante, que por um momento nos cegou. A chama transformou-se numa fumaça espessa que escondeu a porta da cabana e que nos fez recuar, tossindo e cuspindo. Quando recuperamos a visão e o fôlego, os dois haviam sumido.

Hakon fez uma recontagem de seus homens: dois estavam mortos e outros dois, feridos: um no braço e outro numa perna. Nós havíamos deixado sete de nossos inimigos fora de combate. A maioria foi alcançada pelas flechas lançadas através das janelas. Dois ou três ainda agonizavam. Entre os que conseguiram fugir, havia uns poucos feridos, a julgar pelos rastros de sangue que haviam deixado. Obrigaram o homem de Hakon que fora ferido na perna a permanecer ali, com o ferimento vendado, até que pudesse ser transportado à aldeia.

Depois de enfaixar o braço do outro, Hakon lhe disse:

- Volte a Schondara o mais rápido que puder e avise Dirk que uma invasão está sendo preparada. Diga-lhe que reúna as pessoas, com tudo o que puderem levar do forte, e que mande pra cá um grupo para que recolham Karlus. Nós vamos para o Pântano dos Fantasmas, ver o que podemos fazer. Se não voltarmos a Schondara, estejam preparados para o pior.

O homem fez um gesto de que havia compreendido tudo e se afastou correndo. Hakon, os dois homens que não estavam feridos e eu, nos preparamos para seguir Valério e sua gente até o Pântano dos Fantasmas. Eu ia esperar que nos viessem reforços, mas Hakon, apressado pelo sentimento de que havia permitido, com sua imprudência, que Valério escapasse da prisão, não estava disposto a esperar. Cada um de nós se armou o melhor que pôde. Eu peguei a espada do gunderlandês a quem matara e substituí o arco, que havia perdido quando fugia dos pictos, por outro, de um dos homens de Hakon.

Por sorte, Hakon e um de seus homens conheciam o caminho, porque numa ocasião haviam se aventurado até o sinistro pântano. A luz das estrelas iluminava o suficiente para impedir que nos perdêssemos ou que caíssemos em algum buraco. Logo, o mato se fechou sobre nós. Cruzamos a Enseada do Lince e penetramos na espessura do bosque selvagem.

Avançávamos em fila única, procurando fazer o mínimo de ruído possível. O silêncio só era interrompido pelo estalido de um galho ou pelo roçar de um arbusto. O rastro nos conduzia para o sudoeste e, à medida que avançávamos, ficava mais difícil segui-lo.

Caminhávamos absortos, cada um em seus próprios pensamentos. Não era uma viagem de prazer. As Terras Pictas eram paragens aterradoras, cheias de homens selvagens que podiam atacar a qualquer momento, e infestadas de animálias e feras como lobos, panteras e as serpentes gigantes das quais já falei. Dizem que, nestas terras, moram também outras criaturas que já desapareceram de outras partes do mundo, como o grande tigre de dentes de sabre e um animal parecido com o elefante. Eu nunca vi um elefante, mas meu irmão visitou Tarântia numa ocasião e viu um desses animais na coleção do rei Numedides, no dia em que o rei permite que as pessoas entrem em seus jardins. De vez em quando, os pictos vendem aos mercadores da Fronteira Ocidental o enorme dente de marfim de uma dessas criaturas.

Outros habitantes destas terras, ainda mais terríveis, são os demônios dos pântanos ou diabos do bosque, como alguns os chamam. Vivem em grandes grupos, em lugares como o Pântano dos Fantasmas. Durante o dia se desvanecem – ninguém sabe pra onde vão –, mas voltam quando cai a noite, enormes como morcegos, uivando como as almas condenadas do inferno. Não somente uivam. Mais de um que ousou penetrar estas terras apareceu degolado de orelha a orelha pelas garras daquelas diabólicas criaturas. É muito perigoso aproximar-se dos lugares onde elas vivem. O fato de o Feiticeiro do Pântano morar no coração de um dos lugares favoritos de caça destes demônios é uma das provas mais evidentes de seu incomensurável poder maléfico.

Em pouco tempo, chegamos à Enseada de Tullia, assim chamada em memória a um habitante schohirano que perdeu a vida lutando contra os pictos. A Enseada de Tullia marca a fronteira entre Schohira e as Terras Pictas. Ao menos foi o que disse o último tratado entre os selvagens e o governador de Schohira.

Atravessamos a Enseada de Tullia saltando entre as rochas. Ao chegar à outra margem, Hakon parou pra resolver entre sussurros com o homem que conhecia o caminho. Depois de explorar os arredores e de afastar os galhos da moita, viram que o rastro se dividia numa encruzilhada, e nós tomamos o caminho da esquerda, adentrando o bosque na direção sul, rumo ao Pântano dos Fantasmas. Hakon nos pediu que apressássemos o passo e fizéssemos o mínimo de barulho possível.

- Devemos chegar ao acampamento picto antes do amanhecer. – sussurrou.

A rapidez no avanço e o silêncio são qualidades incompatíveis até para o explorador mais experiente. Quanto mais rápido, menor a possibilidade de avançar em silêncio. Sempre foi assim. De qualquer forma, prosseguimos nossa marcha, seguindo o rastro em bom ritmo, evitando galhos e obstáculos da melhor forma possível.

E caminhamos pela senda durante duas horas, talvez. Nos lugares onde o bosque ficava menos espesso, eu olhava ansiosamente para a esquerda, pra ver se o céu – do qual se conseguia ver pequenos retalhos por entre as folhas – havia começado a clarear no leste. No entanto, só apareciam as estrelas descrevendo seu lento movimento circular, e, como havia lua nova, não a vimos naquela noite. Além da respiração dos homens e do roçar ocasional de uma folha, ou o estalo de um graveto, os únicos sons que se ouviam eram o zumbido e os estalidos dos insetos noturnos e, de vez em quando, o sussurro provocado por algum pequeno animal selvagem, ao fugir por entre o mato.

Num momento, nós paramos e ficamos gelados ao ouvir um som distante, parecido com o de uma tosse. Imediatamente, um dos homens do bosque falou:

- Uma pantera!

Continuamos avançando, como se as panteras não tivessem nada a ver conosco. E, na verdade, não tinham, já que a pantera caça sozinha, e nunca atacaria quatro homens adultos. Os pictos são outra coisa.

Logo, Hakon fez um sinal pra que parássemos. E, enquanto permanecíamos imóveis, escutando, chegaram aos nossos ouvidos uns sons fracos, que sem dúvida não eram produzidos por animais selvagens. Era o leve rumor ou murmúrio, mal audível, semelhante aos primeiros sons produzidos pela tormenta que se aproxima; um som que se sente tanto nos ossos quanto nos ouvidos. E, forçando a vista que, devido à nossa longa imersão no escuro, estava naquele momento mais aguçada, pudemos ver uns débeis brilhos avermelhados por entre os troncos das árvores.

Então, deixamos a senda e caminhamos à espreita por entre a espessura, à esquerda do caminho, nos movendo com mais sigilo que velocidade. Avançávamos encurvados, deslizando da cobertura que um arbusto nos proporcionava até a sombra de uma árvore.

Logo ouvimos as vozes guturais dos pictos, e Hakon voltou a erguer a mão em sinal de precaução. E então os vimos. Havia três, de pé ou sentados, no meio do caminho. Haviam ficado ali como sentinelas, mas não levaram sua missão demasiadamente a sério. Estavam numa partida de jogo, onde utilizavam umas lascas que jogavam para o alto, para ver quais caíam com a casca pra cima. Os pictos murmuravam, riam e, de vez em quando, trocavam alegres fanfarrices e ameaças, como faria qualquer um para afastar o tédio.

Me arrastei até onde estava Hakon e sussurrei:

- Atacamos?

- Não. – me respondeu – Eles gritariam e teríamos todo o acampamento sobre nós. Vou escutar o que dizem, pra ver se consigo obter alguma informação, e logo continuaremos avançando.

Ele ficou onde estava, com a cabeça virada pra um lado, de modo que tinha uma orelha voltada para os pictos. Eu também parei pra escutar, mas meus conhecimentos da língua picta são muito elementares. Embora entendesse algumas palavras isoladas, não captava o suficiente para formar uma frase que fizesse sentido. No entanto, acreditei entender o nome “Valerian”, ou ao menos me pareceu que se tratava do nome de nosso renegado senhor, destroçado pela pronúncia picta.

Hakon ficou escutando um pouco mais, e logo moveu a cabeça com satisfação e nos fez um sinal para que o seguíssemos. E já tínhamos começado a caminhar em direção ao brilho das fogueiras do acampamento, quando um som espantoso voltou a nos sobressaltar. Vinha da nossa esquerda e era um rugido rouco e potente, como se um gigante tivesse soado um trompete entupido de saliva.

Então, se fez um grande estrondo, ao mesmo tempo em que a fonte do som empreendia a fuga. E eu a vi fugazmente: era uma daquelas feras da família dos elefantes, das quais já falei, do tamanho de dois homens altos, um colocado em cima do outro. Seus dois longos dentes, bem mais curvos, quase chegavam ao solo, e me deu a impressão de que estava recoberto de pêlos curtos, mas isso era impossível de se confirmar sob a luz das estrelas, e vendo-o tão fugazmente. Me contaram que dormem de pé, como os cavalos sempre fazem, e sem dúvida este havia tido seu profundo sono da meia-noite interrompido pelo ruído que fazíamos e por nosso cheiro. Eu não sabia de ninguém que tivesse visto uma daquelas feras tão a leste, perto dos limites da Fronteira Ocidental; de modo que Hakon e eu somos os únicos homens da Fronteira a dizerem ter visto um elefante picto com vida.

No entanto, as conseqüências deste encontro foram desastrosas para nós. Hakon recuou, surpreso, e tropeçou com o habitante do bosque que caminhava atrás dele, o qual por sua vez saltou para trás e esbarrou tão fortemente no seguinte, que este último caiu ao chão. Eu não caí graças a um ágil salto. Toda essa algazarra de saltos, esbarros e quedas alertou os pictos, e a primeira coisa que percebi foi a vibração da corda do arco de Hakon, ao disparar contra o primeiro deles.

Dei meia-volta e vi que os três lançavam-se sobre nós, saltando como cervos pelos arbustos, brandindo suas armas, e berrando ordens e exortações. A flecha de Hakon alcançou um em plena garganta, mas imediatamente os outros dois estavam em cima de nós. Um deles arremessou um dardo curto e agarrou seu machado.

Peguei minha aljava, mas antes que eu pudesse pegar uma flecha, um dos pictos já estava perto demais, de modo que agarrei o arco com ambas as mãos e golpeei o picto na cabeça. Enquanto o selvagem cambaleava devido ao golpe, deixei cair o arco e me precipitei em direção à espada do homem da Gunderlândia. E, antes de iniciar o combate com o picto, parei com o braço esquerdo um golpe de seu machado, e ao mesmo tempo lhe afundei a curta lâmina nas entranhas, com uma estocada longa e baixa. Mas o indivíduo continuou lutando. Ao ver que a segunda estocada não o derrubava, golpeei-lhe o pescoço com a lâmina, cortando-o ao meio. Finalmente, ele caiu.

Olhei à minha volta, ofegante, e vi que só Hakon e eu continuávamos de pé. Hakon estava arrancando seu pesado machado do crânio do picto. Dos habitantes do bosque que vinham conosco, um jazia morto, com o crânio partido em dois pelo machado do picto, enquanto o outro estava sentado, com as costas apoiadas numa árvore, agarrando a haste do dardo, cuja ponta estava cravada no ventre. Hakon praguejou em voz alta. A luta durou apenas o espaço de doze batimentos cardíacos, e no entanto três pictos e dois moradores do bosque já estavam mortos ou mortalmente feridos. Apesar de tudo, tivemos a sorte de os pictos terem atacado tão rapidamente que nenhum havia proferido o grito de guerra. Haviam gritado algumas exclamações guturais, mas, sem dúvida alguma, os pictos do acampamento ouviram o alarido do elefante, e atribuíram os demais ruídos, provocados pela luta, à estrondosa fuga do animal. Ninguém veio investigar.

Hakon sussurrou:

- Só restam dois, e cada um de nós tem que fazer tudo o que puder, mesmo que custe a própria vida. Temos que matar Valério e o Bruxo. Os pictos disseram que Valério tinha ido ao Pântano dos Fantasmas, para consultar o Bruxo do Pântano e os chefes das diferentes tribos. Ele deixou a maioria de seus homens no acampamento, com os pictos. Vamos contornar o acampamento e tomar o caminho que vai dali até o pântano. Você esperará junto ao caminho, e se Valério vier por ele, mate-o. Eu me enfiarei no pântano e tentarei acabar com o Bruxo, e também com Valério, se eu pegá-lo.

- Amigo Hakon – contestei –, você corre perigo maior. Como oficial, sua vida é mais valiosa para nosso povo do que a minha. Não sou mais covarde que a maioria dos homens; deixe que eu entre no pântano enquanto você vigia o caminho.

Entrar no pântano era obviamente a mais perigosa das duas tarefas, já que quem o fizesse teria que enfrentar, não só o perigo representado pelos pictos, mas também os seres malignos que ali moram – os jacarés –, e se expor a ser pego por uma armadilha pouco visível.

- Não. – disse Hakon – Já estive nesse pântano, e você não.

E, quando eu quis replicar, ele me calou, lembrando-me que era o chefe. Então, com voz débil e sufocada, o homem ferido falou:

- Não permitem que eu caia nas mãos dos pictos! Quando encontrarem estes corpos, eles irão se enfurecer e buscar vingança.

- Não podemos levá-lo… – começou a dizer Hakon. Mas o homem disse:

- Não, eu não queria dizer isso. Com esta lança nas tripas, sou um homem morto. Conceda-me uma morte rápida, antes de partir!

E então Hakon sacou sua faca e cortou a garganta de seu camarada, enquanto eu desviava o olhar. Às vezes é difícil suportar as cruéis necessidades da guerra; mas tampouco seria piedoso deixar o homem ali, para que os selvagens o torturassem.

Logo ficou claro que os pictos haviam planejado chegarem diretamente do conselho celebrado no Pântano dos Fantasmas, para atacarem Schondara. No acampamento havia centenas de guerreiros, roncando sobre ásperos leitos de ramos, ou sob choças e redes construídas a toda velocidade, enquanto as fogueiras moribundas soltavam preguiçosas

espirais de fumaça azul. Não havia mulheres nem crianças à vista, o que indicava tratar-se de um grupo de guerreiros, e não de uma simples reunião tribal.

Na verdade, havia três acampamentos distintos, um para cada uma das tribos – Falcão, Gato Selvagem e Tartaruga –, e um maior para os Lobos. Estes acampamentos estavam ordenados de forma irregular, de tal modo que ao tentar evitar um, quase nos metemos no outro. Mas finalmente conseguimos passar por entre todos eles e tomamos o caminho do pântano. Como antes, percorremos o terreno paralelo à senda, ao invés de ir por ela. Aconteceu que os acampamentos estavam mais distantes do Pântano dos Fantasmas do que esperávamos. Sem dúvida, os guerreiros pictos, embora fossem temerários, não se atreviam a dormir perto demais do refúgio dos demônios do pântano.

Mas finalmente encontramos um lugar onde crescia um grupo de pinheiros jovens junto ao caminho, e ao redor da base de seus troncos, havia grande quantidade de samambaias. Decidimos que este seria o lugar adequado para a emboscada. Assim sendo, me deitei de bruços, com o arco preparado a uma flecha pronta, no solo, enquanto Hakon desceu pelo ligeiro declive em direção ao Pântano dos Fantasmas. Ao olhar nessa direção pude ver retalhos de algo brilhante por entre as árvores, o que indicava a presença de água.

A noite já estava bem avançada, e temi que o amanhecer nos surpreendesse antes que houvéssemos cumprido com nossas respectivas missões. Se isso ocorresse, eu planejaria recuar arrastando-me para longe do caminho, até encontrar uma mata mais espessa que me deixasse oculto, ficar deitado ali durante o dia, e em seguida voltar a tentá-lo, se os pictos estivessem acampados no mesmo lugar. A sede seria um problema, mas eu a enfrentaria se fosse o caso. O tempo passava lentamente. Agucei a vista e os ouvidos, esperando que Valério e sua escolta surgissem das trevas seguindo a senda, mas tudo estava em silêncio, exceto pelo zumbido dos mosquitos e o grunhido de um jacaré macho vindo do pântano. Nem sequer os demônios do mangue uivaram naquela noite.

No entanto, um homem não consegue manter fixa a atenção por toda uma eternidade. Eu havia estado de pé quase toda a noite, caminhado dez ou quinze léguas e lutado em duas escaramuças, matando um homem em cada uma. Apesar de minhas boas intenções, a natureza cobrou sua dívida. Pareceu-me que minhas pálpebras se fecharam por um só instante, quando uma figura pesada e musculosa aterrizou sobre mim e a floresta retumbou num coro de terríveis uivos ao meu redor.

Acordei com um sobressalto, confuso demais devido ao sono para lutar com eficácia. Vários pictos haviam se lançado sobre mim, agarrando cada um de meus quatro membros, enquanto outro ficava sobre minhas costas. E, antes que eu pudesse fazer outra coisa além de amaldiçoá-los em nome de Mitra e Ishtar, eles haviam tirado minhas armas e amarrado meus pulsos e tornozelos, enquanto me davam bofetadas e pontapés em acréscimo. Notei que o céu estava muito mais claro do que quando eu caíra no sono, confirmando assim que já havia passado algum tempo desde então.

Ouvia ruídos de golpes sobre madeira, e finalmente apareceu um picto, trazendo uma estaca que acabava de fazer com uma pequena árvore. Logo empurraram-na violentamente por entre meus braços e pernas. Dois robustos pictos levantaram as extremidades da estaca até colocá-las sobre os ombros, e empreenderam energicamente a marcha em direção ao pântano, com o filho de Gault Hagar pendurado feito a presa de um caçador. Atrás, vinha o restante, falando com voz rouca e grunhindo. Alguns até riam, algo que fazem poucas vezes, já que consideram a risada aberta como algo indigno e reservam-na para coisas que valham a pena, como por exemplo, quando torturam um cativo.

A princípio me senti abatido demais pela vergonha de ter me deixado surpreender, e por minha preocupação acerca do destino que me aguardava, para prestar atenção a outra coisa que não fosse minha própria desgraça. Mas logo lembrei que ainda não havia morrido e que, às vezes, a fortuna dá um sobressalto no último momento. Portanto, comecei a olhar ao meu redor, para ver qualquer coisa ou circunstância que pudesse me ajudar a fugir.

Já clareava quando alcançamos as margens do Pântano dos Fantasmas. Esticando o corpo, vi a imensa extensão de águas estagnadas do pântano, salpicada de juncos e de outras plantas aquáticas. Retalhos de neblina se erguiam fantasgoricamente das águas tranqüilas,

que refletiam o azul salpicado de nuvens do céu do amanhecer. Aqui e ali, se viam troncos de árvores secas, que se erguiam como bruxas petrificadas.

Avançamos devagar por uma língua de terra que adentrava a água. Ao chegar a seu lado oposto, os que me levavam entraram nesta chapinhando. Seguiam um caminho de pedras, colocadas a intervalos de tal maneira que a parte superior destas ficava logo abaixo da superfície da água. Cruzamos outro trecho de terra pantanosa e logo seguimos adiante, avançando sobre outras pedras como as anteriores, de modo que finalmente chegamos ao lugar onde morava o Bruxo do Pântano.

O feiticeiro vivia numa ilha que se elevava sobre as águas. Sobre a pequena elevação, entre as árvores que a coroavam, havia um círculo de choças, semelhantes às que os pictos construíam em seus povoados. Ao nos aproximarmos do montículo, um dos pictos se adiantou correndo, e quando eu cheguei, todos se voltaram para darem as boas-vindas. O solo estava coberto de recipientes feitos de abóboras esvaziadas; sem dúvida, os chefes haviam passado a noite bebendo a fraca cerveja picta, enquanto conversavam.

Estava na ilha o próprio bruxo, Valério e alguns de seus sequazes: Kwarada, Teyanoga e vinte pictos. As plumas e a pintura que usavam identificavam os pictos como chefes dos Tartarugas, Falcões, Gatos Selvagens e Lobos, e todos bocejavam e tinham os olhos remelentos, devido à longa sessão da noite anterior. Valério sorriu com uma careta parecida à de um ídolo picto, quando me viu.

- O rebelde de Thandara! – ele gritava – Por Mitra, você é um demônio teimoso; e tomara que todos os que estão em benefício de Sua legítima Majestade tenham uma moral tão firme quanto a que você tem em sua maldade! Espere um pouco, amigo; vamos organizar um jogo pouco habitual contigo e com seu companheiro de traições. Você vai aprender o preço da traição a seus senhores naturais.

Os pictos que me transportavam deixaram cair a estaca e caí pesadamente sobre o solo úmido. Ao girar, percebi que havia um poste, no espaço que ficava no centro do círculo formado pelas choças. E o filho de Hakon Strom estava amarrado a ele. Valério, que continuava me olhando, fez um movimento com a cabeça em direção a Hakon.

- Ele acreditou que podia atravessar furtivamente a guarda dos demônios do pântano. – disse ele.

Hakon e eu nos olhamos, mas achamos que não nos serviria de nada falar naquele momento. O bruxo deu algumas ordens em língua picta, e alguns deles voltaram pelo caminho das pedras submersas. Outros começaram a cavar um buraco na terra, junto ao poste onde Hakon estava amarrado. O bruxo tinha um aspecto extravagante: ancião, encurvado e esquálido; de pele escura, quase como a de um kushita; cabelos brancos e uma barba também branca, longa e sedosa. Seus traços não se assemelhavam aos de nenhum homem que eu vira antes. Tinha o nariz largo e achatado, a testa e o queixo curvados para trás, e os olhos ocultos sob sobrancelhas tão proeminentes, que pareciam mirar do fundo de duas cavernas negras. Poderia se tratar de um híbrido de homem e chacan. Compreendi os relatos que se repetiam na Fronteira Ocidental, que diziam que o bruxo não era picto nem ligur, mas o último sobrevivente de uma raça que habitava aquela terra antes que os pictos a invadissem. O certo é que as terras selvagens habitadas pelos pictos abrigam numerosos sobreviventes estranhos de tempos remotos.

Assim como os pictos, o bruxo andava nu, exceto por um pedaço de pele de cervo. Ao invés dos desenhos pintados que os pictos usavam, ele tinha, no peito e nas costas, um traçado de pequenas cicatrizes que conformavam linhas e círculos. Ele disse algo aos pictos, que levaram a estaca na qual haviam me trazido, e de uma vez só, ficaram de pé. Aproximou-se de mim e ficou contemplando fixamente meu rosto, com os pequenos olhos negros cintilando desde as profundidades de suas órbitas cavernosas. Logo se virou e continuou falando com os pictos.

Nesse momento, os pictos voltaram com um pedaço de tronco de árvore, que cortaram com seus machados até ficar com a longitude adequada. Enquanto isso, os demais pictos haviam cavado um buraco um pouco mais profundo que a altura de seus joelhos. Colocaram nele

uma extremidade do tronco e voltaram a preenchê-lo de terra, mantendo o poste erguido. Pisotearam a terra e golpearam-na com suas maças e com os cabos das pás, para que ficasse firme, e logo tinham uma estaca igual à de Hakon. Obedecendo a uma ordem do bruxo, me arrastaram até o poste. Enquanto dois robustos selvagens seguravam meus braços, outro me cortou as ataduras com sua faca. Logo, me despiram completamente, deixando-me com a tanga, me lançaram contra o poste e começaram a me amarrar com longas tiras de couro cru.

Não tentei resistir, mas enquanto me amarravam fiquei rígido e contraí os músculos. Os pictos não perceberam; talvez acreditassem que o que eu fazia era mostrar o orgulho do homem branco. Em seguida, terminaram de me amarrar ao poste, com os braços nos flancos e rígido como uma múmia stígia.

Os chefes, Valério e a mulher deste estavam reunidos em torno do bruxo, conversando. Um pequeno chefe Tartaruga, no entanto, se aproximou de mim com um sorriso maligno. De repente, tirou o machado de seu cinturão e o lançou. Este, dando voltas, foi em direção ao meu rosto.

Me dei por morto, mas a lâmina de cobre atingiu a madeira logo acima de minha cabeça, de tal maneira que o cabo tocava em minha testa.

O chefe dos Tartarugas e alguns outros pictos deram gritos de triunfo e prazer, causados pelo meu espanto. Uma das primeiras etapas da tortura picta consiste em atirar flechas e lançar machados e facas ao prisioneiro, sem atingi-lo, mas acertando-lhe o mais perto possível. Se ele se estremece, isso vale um ponto aos que o atormentam; se ele encara os projéteis sem se perturbar, é um ponto para o prisioneiro. É um jogo estúpido, mas, ao saber das intenções daquele indivíduo, resisti à tentação de estremecer antes de lhes proporcionar uma satisfação.

Mas isto causou uma grande discussão entre os pictos. Dois ou três se colocaram a favor do chefe que havia lançado o machado, enquanto o restante se opôs. O que havia atirado o machado e seus amigos repetiam, algumas vezes, a palavra picta que significa “agora”, enquanto o resto dizia “mais tarde”. Um picto se dedicava, com afã, a cortar pequenas agulhas de madeira ou lascas afiadas do comprimento de uma mão, com o evidente propósito de cravá-las na pele dos cativos e tocar-lhes fogo.

Finalmente, o bruxo ficou do lado dos que diziam “mais tarde”. Virei a cabeça em direção ao poste de Hakon e lhe perguntei:

- Por que discutem? É sobre o momento de começarem a tortura?

- Sim. – disse Hakon – O pequeno Tartaruga e seus amigos querem praticar agora sua arte conosco, enquanto o resto prefere nos poupar até que hajam saqueado Schondara. O bruxo disse que somos dele, que ele fará o que quiser, e que já lhes dirá quando podem se dedicar a nós.

- Se pensa em algo pior que as torturas pictas… – eu disse, com um calafrio, ao lembrar da Dança da Serpente Mutante.

Então, o bruxo e todos os chefes desapareceram no interior das choças; Valério e Kwarada entraram numa. Deixaram dois pictos de guarda junto a nós, enquanto o restante se dirigiu sem pressa para o acampamento.

- Vão tirar uma soneca, antes de se lançarem ao ataque. – disse Hakon – Pelo que ouvi, pretendem partir ao meio-dia e chegarem a Schondara, logo após o anoitecer.

- É natural que prefiram não atacar enquanto houver luz diurna, pois as flechas das balestras lhes assoviariam nas orelhas. – eu disse.

- Pelos fragmentos de conversa que andei ouvindo – disse Hakon –, têm em mente outra arma, algo que o bruxo lhes preparou.

Logo, ele virou a cabeça em direção a um dos sentinelas.

- Você! – disse, ainda falando em Aquiloniano – Por que não tomamos essa cerveja que seus chefes beberam à noite?

Os dois pictos olharam-no sem compreender, e logo olharam um ao outro. Quando Hakon repetiu a pergunta em língua picta, pôde-se ver em seus olhos o brilho da compreensão, mas nenhum sentimento amistoso. Um deles grunhiu um áspero “não”, enquanto o outro cuspiu no solo.

- Ao menos, parecem que não nos entendem. – disse Hakon, voltando a falar em nossa língua – Tem alguma idéia de como sairmos daqui?

- Ainda não, mas creio que está me ocorrendo uma idéia. – eu disse – Terá de esperar até que os chefes partam. E não conversemos demais, para que esses canalhas não suspeitem de nada.

A manhã se fez muito pesada para nós, amarrados àquelas malditas estacas e atormentados devido à sede, às moscas e à pressão constante de nossas amarras. Hakon sofreu bastante devido às queimaduras que o sol lhe causava, enquanto eu era moreno por natureza e, portanto, me vi menos afetado. Ambos estávamos cheios de dolorosas contusões, resultantes das lutas que travamos.

Os chefes roncavam em suas choças. Do acampamento, chegava o murmúrio das vozes dos guerreiros, à medida que iam despertando.

Finalmente, quando o sol já estava no alto, o bruxo saiu de sua choça e assoprou um apito, que parecia feito de osso humano. Logo apareceram Valério e os pictos, bocejando e se espreguiçando. Havia muito movimento. Enquanto alguns comiam algo, outros manuseavam suas armas e afiavam-nas.

Depois de tudo, o bruxo reuniu a todos. Arrastou de sua choça um enorme saco de couro, cuja abertura estava bem amarrada e fechada, da qual saíam várias cordas de couro, que também se arrastavam pelo solo. E havia algo que mantinha o saco inflado, mas não sabíamos do que se tratava. Não devia pesar muito, já que o velho bruxo arrastava o saco sozinho, sem a ajuda de ninguém. O saco parecia uma bexiga inchada de ar, que havia sido amarrada para evitar que este escapasse, mas num tamanho bem maior.

O bruxo dava instruções, enquanto os pictos manipulavam o saco. Amarraram suas cordas à extremidade de um poste em forma de forquilha, com uns três metros de largura.

Finalmente todos marcharam, levando a estaca com a misteriosa bolsa sobre os ombros. Os dois pictos, que haviam nos vigiado durante a manhã, ficaram encarregados de nos vigiar por mais algum tempo. Seus rostos carrancudos e as maldições que sussurravam, demonstravam o pouco que lhes agradava perderem o assalto a Schondara e a matança, a rapina e o saque que com tanto deleite haviam previsto.

Quando o último grupo desapareceu entre as árvores que cercavam o Pântano dos Fantasmas, o bruxo caminhou, arrastando os pés, até aproximar-se de Hakon, lhe examinou atentamente o rosto e verificou-lhe as amarras. Fez o mesmo comigo. Devolvemos-lhe o olhar, e ele se afastou, sentando-se entre duas choças com as pernas cruzadas. E pôs-se a realizar alguma tarefa adivinhatória com uns pedaços de osso. Lançava um punhado destes ao ar e estudava o desenho que formavam ao cair, logo os recolhia e voltava a lançá-los. Começou a cantarolar uma espécie de cântico com voz rouca, num idioma que não reconheci, mas sem dúvida não era o picto.

Um dos dois que nos vigiavam se sentou, apoiando as costas contra sua choça, e ficou dormindo. O outro passeava de alto a baixo com impaciência, dando, de vez em quando, estocadas com a faca e golpes no ar com sua maça de guerra. Quando se cansou, sentou-se junto a seu camarada e tentou conversar, mas o outro picto se limitava a grunhir.

Logo, o mais ativo deu uma cotovelada nas costelas do outro, e lhe disse em voz baixa:

- Olhe pra lá!

Apontava o bruxo, que continuava sentado de pernas cruzadas diante dos pedaços de osso. Mas agora, não os lançava no ar; estava sentado, imóvel, contemplando o pântano.

Ambos os pictos se levantaram com agilidade e se aproximaram silenciosamente do bruxo. Miraram o seu rosto, e um deles assobiou e estalou os dedos. O bruxo não fez o menor movimento. Havia caído em transe, enviando sua alma a abismos escuros, para alcançar um conhecimento arcano.

Os pictos falavam com seriedade em voz baixa, olhando primeiro para o bruxo e depois para nós. Das poucas palavras que pude entender, concluí que diziam que, posto que o bruxo estava inconsciente naquele momento, poderiam abandonar seu posto, correr atrás de seus companheiros de tribo e chegarem a Schondara a tempo para o massacre.

Nesse momento, o mais alto – o ativo – avançou resoluto para onde estávamos Hakon e eu, girando a maça. Evidentemente, se dispunha a partir nossas cabeças antes de sair, para que não escapássemos durante sua ausência. Ao perceber seu brilho no olhar, enchi os pulmões de ar e abri a boca para avisar ao bruxo, que embora não tivesse sentimentos ternos para conosco, ao menos não tinha, por enquanto, intenção de nos matar. Eu não sabia se meu grito o despertaria do transe, mas era a única esperança.

Ao me ouvir, o picto mais baixo chamou seu companheiro e este se deteve. Após discutirem um pouco, ambos viraram as costas à ilha do bruxo e correram pela correnteza.

- Finalmente nos livramos deles – murmurou Hakon –, mas como diabos iremos nos livrar dessas amarras? Os homens que nos ataram não eram novatos nisto.

- Olhe. – sussurrei.

Eu havia relaxado todos os músculos, de modo que as voltas dadas pela corda de couro me atavam com menos força. Logo, comecei a mover os braços e as mãos de cima a baixo, por baixo das amarras, me esforçando para fazer a corda baixar em direção aos quadris.

O sol descia para o oeste, as moscas zumbiam, o bruxo continuava sentado, imóvel como uma estátua, e eu continuava lutando com a corda, com o rosto encharcado de suor e a boca cheia de poeira do deserto. Finalmente, uma das voltas da corda deslizou até onde eu pudesse segurá-la com a unha de meu polegar direito. Não era muito, mas, em pouco tempo, consegui colocar sobre a corda as unhas do dedo indicador e anular, e logo finalmente, a do dedo médio.

Ao deixar de rodear minha mão direita, a corda se afrouxou um milésimo e logo pude tirar, também, a mão esquerda.

Caía a noite; um grupo de patos se elevou em direção ao céu por cima do pântano, mas eu continuava me debatendo. Finalmente soltei um antebraço, e logo o outro. Com as mãos livres, fiz passar os laços que me prendiam os braços, para cima dos ombros… E, finalmente, consegui me soltar!

Fiquei imóvel por um instante, friccionando os membros e fazendo caretas de dor pelas espetadas que sentia. Olhei em direção ao bruxo, mas este não fazia movimento algum.

Com passos vacilantes, me aproximei de Hakon. Suas amarras o prendiam com mais força ainda que as minhas. Posto que haviam me despojado de tudo, eu não tinha faca para cortar-lhe as ataduras. Enquanto ele forçava as cordas, murmurou:

- Se continuarmos neste ritmo, vamos passar a noite toda aqui, Gault. Veja se consegue achar alguma coisa afiada.

Lhe roí as cordas com os dentes, mas os progressos obtidos desta forma pareciam tão lentos como quando tentava tirá-las de outra forma. Então, segui seu conselho e procurei

nas choças, uma após a outra. Mas os convidados do bruxo haviam levado consigo todos os seus apetrechos. Na choça do próprio bruxo encontrei uns simples utensílios de cozinha e um monte de parafernália mágica, mas nada afiado. A única arma que havia era um arco de formato estranho e uma aljava cheia de flechas. Ao examinar as flechas, notei que não serviam. Suas pontas de pedra estavam cinzeladas, e evidentemente foram feitas para caçar aves, e não para abater presas maiores, como homens, por exemplo.

Lembrei que o bruxo levava uma faca em seu cinto. Pelo visto, essa era a única arma de verdade que sobrava em sua ilha. Não havia outra solução que não fosse tentar tirá-la dele.

Quando me aproximei, ele continuava em transe. Movendo-me com precaução, peguei-lhe uma mecha de seu cabelo branco, lhe sacudi a cabeça e lhe dei um tremendo soco com minha mão livre.

O golpe derrubou o ancião. Por um instante, seu corpo se retorceu e se sacudiu como o de uma serpente decapitada, mas logo começou a se mover decididamente. Mas, naquele momento, eu já havia agarrado-lhe a garganta com as mãos, e apertei-a com todas as minhas forças. Mas o bruxo se debatia com mais força do que se podia esperar de sua esquálida figura. Golpeava com os punhos, arranhava e esperneava; parecia feito de cabo de aço e correias de couro cru. Avançou às cegas seu polegar sujo, procurando meus olhos, e eu cravei meus dentes nele.

Por um instante, seus olhos profundos se encontraram com os meus, e de repente senti que minha alma afastava-se do meu corpo. Algo em meu interior me dizia que eu estava equivocado. Me dizia que eu o soltasse e que fizesse o que o bruxo me pedisse, já que ele era meu verdadeiro amo. Mas fechei os olhos e continuei fazendo pressão.

Rolamos, ficando primeiro eu em cima, depois embaixo e assim por diante. Ele tateou com as mãos em busca da faca e tirou-a, mas naquele momento já estava fraco e só conseguiu me fazer um arranhão ao longo das costelas. Logo, consegui pôr o joelho sobre a mão, com a qual ele segurava a faca, e espatifei-a contra o lodo. Enquanto isso, eu continuava apertando-lhe a traquéia, por medo de que ele pronunciasse alguma terrível maldição e condenasse minha alma, para sempre, aos infernos.

Pouco a pouco, sua resistência foi diminuindo. Embora seu corpo jazesse na lama, continuei apertando-lhe a garganta com os polegares, para que não revivesse repentinamente ao soltá-lo.

Quando deixei de sentir as batidas de seu coração, ou outro sinal de vida, peguei sua faca e cortei-lhe a garganta. Logo, me apressei em libertar Hakon. Ele ficou em pé por um momento, friccionando os membros e praguejando.

- O que havia nessa bolsa? – eu lhe perguntei.

- O bruxo introduziu nela todos os demônios do pântano. – ele respondeu – Quando os pictos atacarem o forte, lançarão essa estaca por cima da paliçada. Logo, um deles puxará uma das correias que se sobressaem, e a bolsa se abrirá. Os demônios do pântano sairão como um enxame e acabarão com todos os seres humanos que estejam de pé.

- Por que não matariam Valério e seus selvagens?

- O bruxo conjurou os demônios para que ataquem somente aos que estão de pé. Portanto, quando a bolsa for aberta, os pictos se deitarão ao solo, até que termine o massacre e os demônios tenham voltado ao pântano.

- Temos que tentar detê-los. – eu disse – Mas, Mitra nos amaldiçoe, não há nenhuma arma aqui, exceto a faca do velho! Sem contar um arco com flechas, para caçar pássaros, que vi na choça do bruxo.

- É melhor do que nada. – ele disse – Até mesmo uma flecha para caçar aves pode causar um bom estrago, se for lançada com força, de perto. Mas você é quem vai levar o arco. Os pictos me torceram o braço, ao capturar-me e eu não conseguiria atirar com precisão.

E foi assim que Hakon e eu, com nossas tangas e mocassins como única vestimenta, cruzamos o pântano por cima das pedras, perseguindo o exército selvagem de Valério. Eu levava o arco do bruxo e Hakon, sua faca.

Ao cruzar a Enseada de Tullia, seguimos com cuidado, devido à possibilidade de os pictos terem deixado um sentinela na retaguarda. Quando cruzamos a Enseada do Lince, fomos com mais cuidado ainda, mas não esbarramos com nenhum picto. Não havia sinal algum de Karlus na choça; evidentemente, havia sido resgatado. Vimos sinais da passagem dos pictos – uma pluma caída de um penacho, um mocassim quebrado –, mas nada indicava que os selvagens estivessem perto.

Não os encontramos até o pôr-do-sol, quando chegamos aos campos em volta de Schondara. Os pictos estavam formando um semicírculo junto às clareiras. Deitados atrás de umas samambaias, sem nos atrevermos a respirar, vimos Valério, sua mulher e os outros chefes, juntos com a bolsa e a estaca. Estavam todos deitados ou agachados, abrigados entre as árvores que cercavam a pradaria.

Em Schondara, à distância, não se via luz alguma; parecia que a população percebera haver inimigos à espreita. No forte também não se via luzes, mas se ouvia ruídos: o som das vozes das pessoas e dos gemidos dos animais. Ao menos, dentro do forte os habitantes do povoado poderiam oferecer batalha, mas ainda assim, os pictos dobravam-nos em número e poderiam tomar o forte, mesmo que os feitiços do bruxo não funcionassem.

Atrás de nós, mal visível através das árvores, a lua crescente se punha no horizonte, e o sol, que já havia desaparecido, havia deixado atrás de si umas faixas de cor laranja, amarela e verde-maçã. As estrelas começavam a brilhar no céu.

Hakon sussurrou:

- Se você esperar até que escureça um pouco, acha que consegue se aproximar a um tiro de flecha de distância daquela bolsa?

- Por quê? – perguntei – De que serviria?

- Faça-o e verá.

Então, compreendi o plano de Hakon, e estava assombrado com sua coragem. Imediatamente avançamos, nos arrastando como serpentes, até ficarmos atrás de um enorme carvalho antigo. Me ergui lentamente, prendendo a respiração por medo de atrair a atenção dos pictos mais próximos, que estavam a apenas vinte passos de mim, deitados em segurança, como nós havíamos estado.

Puxei uma das flechas de caçar aves e coloquei-a no arco. Enquanto a escuridão ia aumentando, lenta e imperceptivelmente um tambor começou a soar nas proximidades. E do forte chegou o gongo de alarme. Eu imaginava ouvir até o som das balestras.

Os pictos se levantaram e se reuniram em grupos, atrás de seus chefes. Um murmúrio de vozes guturais percorreu o semicírculo, apesar das bruscas ordens de silêncio que os líderes lhes davam.

Logo, o tambor mudou de ritmo, acelerando-se e soando uma vez, e logo duas, sucessivamente. Dois pictos ergueram a estaca com a bolsa, até que esta ficou no alto, balançando por cima de suas cabeças.

- Agora! – sussurrou Hakon.

Apontei para a bolsa e murmurei uma prece a Mitra. Eu nunca havia disparado com aquele arco. Havia pouca luz. A bolsa se mexia de um lado a outro.

O ritmo do tambor voltou a mudar. Soaram apitos e chocalhos; ordens severas percorreram as fileiras. Proferindo aterradores gritos de guerra, centenas de pictos saíram da floresta

como uma tromba d´água, em direção ao povoado e ao forte, uivando como condenados.

Disparei. Logo que soltei a flecha, eu soube que havia disparado mal e agarrei a aljava. Mas a bolsa, ao se balançar na estaca, se interpôs casualmente na direção do dardo. Este atingiu o alvo, produzindo um som semelhante ao de um tambor que arrebenta.

Os pictos que sustentavam a estaca aproximaram-se do resto e logo pararam, olhando temerosos para cima. Da bolsa, saía um barulho dilacerante e uma espécie de massa fumegante.

- Abaixe-se! – me gritou Hakon no ouvido, puxando meu braço, ao mesmo tempo em que lançava-se ao solo.

Ele nem precisou repetir; me deitei de bruços sobre o chão da floresta.

A bolsa ficou flácida e murcha. A nuvem que havia surgido dela se espalhou por cima do grupo de pictos, que agora corria a toda velocidade pelo campo, em direção a Schondara. E, ao estender-se, adquiriu um aspecto coagulado, como se tivesse se solidificado numa massa tangível. As massas escuras se condensaram até se transformarem em criaturas vivas: seres altos e delgados, com patas na parte inferior do corpo, semelhantes às de uma ave, e cabeça e torso semi-humanos. Seus braços eram longos e esquálidos, terminados em mãos providas de descomunais garras curvas. Cada demônio tinha a estatura de um homem, e estava rodeado por uma aura sobrenatural e trêmula, como se tivesse sido banhado nas frias chamas do fogo do pântano.

Não tenho nem idéia de quantos eram. Escondi o rosto, para que minha visão não esbarrasse com a de algum demônio e este se arremessasse sobre mim. Talvez fossem cem ou quinhentos.

Gritando e uivando, os demônios correram de um lado a outro, a cada passo derrubando um picto com suas garras. Uivando ainda mais forte que os demônios do pântano, os pictos corriam em todas as direções, tentando salvar a vida; mas os demônios eram mais velozes. Um picto, cuja cabeça fora separada do tronco por um golpe das garras demoníacas, deu dois passos antes de cair sobre o mato.

Uns poucos pictos lembraram que tinham de se deitar. Mas a imensa maioria, pega de surpresa e sem ter recebido a ordem que esperava, foi tomada de pânico e fugiu. Isso foi fatal; atrás deles, se precipitavam os furiosos demônios, saltando com suas longas patas de ave, mais rápidos do que qualquer homem pudesse correr.

Uma a uma, foram desaparecendo as auras brilhantes, que cercavam os demônios do pântano, enquanto estes desapareciam, se perdendo no bosque. Finalmente, não ficou à vista nenhum ser vivo.

Hakon e eu nos levantamos, estiramos nossos músculos dormentes e caminhamos para Schondara. Um picto apareceu inesperadamente diante de nós, como um coelho assustado. Ao invés de se lançar ao nosso encontro, uivando e brandindo o machado de guerra, ele virou a cabeça, fingindo que não nos vira, e se perdeu de vista pelo bosque. Não o culpo. O que ele viu bastava para acabar com a valentia de um povo tão feroz e guerreiro como os pictos.

Primeiro encontramos a cabeça e o braço esquerdo de Valério, e logo depois o resto, junto à estaca que havia sustentado a bolsa de couro. Levamos conosco sua cabeça como prova de nosso relato. Não vimos Kwarada.

Encontramos, perto de Schondara, um dos homens do bosque: o filho de Dirk Strom, assombrado pela dispersão das hastes pictas, enviara aquele homem para explorar o terreno. Quando ouviu nosso relato, correu de volta ao forte, contando aos gritos as boas-novas. Fomos carregados nos ombros, por uma multidão vociferante e entusiasmada, até o interior do forte, e nos levaram pra passear até o interior do pátio, que estava abarrotado de gente.

Mas a imagem que mais lembro é a do rosto do filho de Otho Gorm, de pé e com as costas apoiadas contra a parte externa da paliçada, à luz das tochas. Depois de tudo, ele tinha vindo a Schondara, pra continuar sua luta comigo. E agora se via em seu rosto estúpido um desconcerto total, enquanto ele tinha que ver Hakon e eu aclamados como os salvadores da província! Eu ia zombar dele, mas ele escapuliu subitamente e regressou ao forte Kwanyara naquela mesma noite, para não ter que engolir suas palavras imprudentes.

Então, chegou a notícia de que o perverso Numedides tinha morrido e que Conan era rei. Desde então, a fronteira tem estado mais tranqüila do que nunca; todos sabem, de ambos os lados, que o rei Conan se propõe a fazer o que diz, e que não permitirá que se descumpram os tratados, seja por parte dos selvagens quanto pela nossa. Thandara tem agora cidades e populações prósperas.

Mas devo admitir que a vida era mais divertida nos velhos tempos, quando não havia outra lei, salvo o que dizia que cada povo da fronteira podia fazer o que lhe desse vontade.

FIM